



**‘Os políticos espanhóis são mais pragmáticos e objectivos’**

**José Saramago**

O escritor José Saramago deu uma entrevista, no passado dia 15 de Julho, a um jornal diário de expansão nacional, na qual afirmou, entre outras coisas, que “Portugal acabará por integrar-se na Espanha e que (...) não deixaria de falar, pensar e sentir em português. Seríamos aqui o que os catalães querem ser na Catalunha”.

Palavras sensatas e que não deixarão de ser premonitórias face à proverbial incapacidade do nosso país em aproximar-se do pelotão da frente dos países mais ricos da União Europeia. Cada vez mais é o “carro vassoura”. E, não tardará muito, ver-nos-emos ultrapassados pelos novos países que há relativamente pouco tempo aderiram à União... É uma questão de tempo. No dia seguinte à entrevista, dia 16, surgiram algumas virgens púdicas mais ou menos ofendidas, mais ou menos figuras públicas, como o caso do inoperante e anódino ex-ministro dos Negócios Estrangeiros (MNE), de seu nome António Martins da Cruz, a afirmar, entre outras vacuidades que Saramago deveria “deixar a política para os políticos e a estratégia para os estrategas”. Nada de mais superficial, nada de mais imprudente nestas afirmações de Martins da Cruz. A política, de resto, num regime

democrático, é “uma coisa muito séria para ser deixada somente à arbitrariedade dos políticos”. E quem julga só saber Ciência Política e se tem em grande conta como “político” de alto coturno, não sabe nada, de nada. De resto, muitas asneiras e muitos descabros financeiros têm a chancela de políticos profissionais. Naturalmente que os políticos encartados e profissionais não viram com bons olhos – repudiaram mesmo –, as plausíveis afirmações de Saramago (até o senhor Carlos Eduardo Luna, de Estremoz, veio dar uma ajudazinha a esses encartados!)... Pois estes políticos que temos, em termos de vencimentos e regalias nos cargos públicos que ocupam, aproximam-se e/ou equiparam-se (em muitos casos até ultrapassam) os seus homólogos espanhóis. A Casa Real Espanhola, por exemplo, recebe menos subvenções estatais do que o Palácio de Bélem. Ou seja, a República Portuguesa, tão solidária com o zé povão, fica em média mais cara do que a Monarquia “elitista” espanhola... Já o cidadão anónimo e trabalhador, aquele que labuta nos vários serviços, nas várias instituições e vários organismos públicos e privados (diplomados ou não, especializados ou não) deste pobre país que aparenta gorgomilo e jactância, confrontado com o nível de vida do cidadão espanhol,

sente-se defraudado, sente-se desanimado por verificar que “nuestros hermanos” nada têm a ver conosco. Um aparte: Klaudia Palczak, polaca, mestre em Sociologia e trabalhando, em Lisboa, no Observatório Europeu da Droga e Toxicodépência (OEDT), afirmou, numa entrevista a um jornal diário de expansão nacional, que não sabe “onde é que os portugueses, com o que ganham, vão buscar dinheiro para comprar carros tão caros”. Se os políticos espanhóis são mais pragmáticos, mais objectivos e menos exibicionistas do que os portugueses; se a economia espanhola está crescendo, notoriamente; se os empresários e os industriais espanhóis investem cada vez mais no “nosso” país em diversas áreas que vão desde a agricultura às construções imobiliárias, passando pelo turismo, pelos bancos, pela indústria, pelas confecções, etc.; se a dinâmica dos empresários e industriais espanhóis nada tem a ver com a peculiar mentalidade dos nossos empresários e industriais, sempre à espera do subsídio estatal; se, até no desporto, seja no ténis, no automobilismo e motociclismo de competição, no futebol, no basquetebol e outras modalidades os espanhóis nos “dão cartas”, alguém ficará melindrado se a Espanha, paulatinamente, vier a anexar ou a integrar o “nosso” país? A melhor forma de defender Portugal – Martins da Cruz diz que Saramago “não defende os interesses de Portugal” –, é o “nosso” país afirmar-se no desenvolvimento sustentado, no progresso da economia com preocupações de âmbito social que permita um razoável nível de vida face a outros países europeus. E que nos equipare a eles. O que não está suceder. Por isso não será de admirar que Portugal, mais dia menos dia, seja integrado de forma administrativa, estrutural e territorial na Ibéria, Espanibéria ou Espanha (como a queiram designar) com a capital em Madrid. Bem poderá ser a nossa salvação.  
António Cândido Gavaia,  
Vila Real

*Todas as cartas que chegam à Pública para publicação serão editadas e poderão ser cortadas por motivos de espaço*



**Descobertas**  
**Subversivo**

Os animais e as pessoas são temas clássico dos trabalhos em porcelana. Mas a ceramista holandesa Louise Hindsgavl corrompeu-os a todos; ou subverteu os temas, como se preferir. Manteve os desejos animais mas deu-lhes formas humanas – ou terá sido ao contrário, deu rostos animais aos desejos humanos? Esta peça chama-se Playmate. Compram-se na galeria nova-iorquina Nancy Margolis: [www.nancymargolisgallery.com](http://www.nancymargolisgallery.com). ●